

O MAR E O MARITIMO NOS TRÓPICOS

Eustógio Wanderley Correia Dantas*

RESUMO:

No final do século XX, tudo que diz respeito ao mar se transformou em verdadeiro fenômeno da sociedade. As imagens do mar e do marítimo, veiculadas globalmente e associadas a mudanças socioeconômicas, tecnológicas e simbólicas, provocam a geração de um fluxo evidenciador dos espaços litorâneos mundiais e, no caso em evidência, dos trópicos. Este tipo de valorização, freqüentemente percebido conforme a noção de tropismo, indica bibliografia fortemente marcada por uma maritimidade dicotômica: de um lado, uma maritimidade externa ou moderna referente aos ocidentais; de outro lado, uma maritimidade interna ou tradicional referente às populações dos trópicos. A análise do processo de valorização dos espaços litorâneos em Fortaleza/Ceará/Brasil permite relativizar esta abordagem. Nesta cidade litorânea, uma elite local fascinada pelas práticas marítimas modernas (banho de mar, veraneio, banho de sol e turismo litorâneo, entre outros) produz os mesmos territórios e alimenta os mesmos desejos do Ocidente, inserindo-se em racionalidade reinante nos países pouco tocados pelo fluxo turístico internacional, a saber, um movimento de caráter cultural que suscita uma mudança de mentalidade dos grupos locais em face do mar e convida à releitura da abordagem dicotômica supracitada

PALAVRAS-CHAVE:

Maritimidade, trópicos, banhos de mar, veraneio, turismo.

ABSTRACT:

At the end of XXth Century, every thing about sea became a social matter. The sea and maritime images, globally linked and related to social-economical, technological and symbolic changes, makes a flow to give evidence to worldwide seaside and, in particular, to the tropical seaside. Very often, this kind of valorization is understood according to tropism notion. It indicates what bibliographical references has been used, that of a marine dichotomy: an external or modern in ocidental references of marine qualities; and on the other hand, an internal or traditional marine qualities, considering the tropical population. The analysis of Brazilian (specifically in Fortaleza-CE) seaside valorization process allows us to get into a more relative explanation. This coastal city has an elite fascinated with modern marine activities (beach, holiday, sun, tourism). Such local elite produces the same territories and feeds the same Ocidental wishes will getting inside dominant rationality in countries weakly touched by international tourist flow. That is a sort of cultural movement able to suggest a mental change to local groups upon sea and invites us to perform a different conception of that dichotomy mentioned above.

KEY WORDS:

Maritime, tropic, bathing beach, holiday, tourism.

*Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: edantas@ufc.br

I - Considerações Iniciais

Na literatura consagrada ao mar e ao marítimo, os pesquisadores que analisam o fluxo turístico internacional vêm se impor, em termos quantitativos, àqueles destinados às zonas litorâneas. Entre os que remetem ao fenômeno de valorização dos espaços litorâneos nos trópicos, Cazes (1989) merece destaque por explicitar concentração dos fluxos turísticos internacionais em países possuidores de zona costeira. Conforme o citado geógrafo, do fluxo total, 75,8% se concentra em *estados dispendo de pelo menos um espaço ribeirinho marítimo*, 21% em áreas insulares e somente 3,2% são atribuídos *aos países sem fachada costeira*.

Este dado se reforça de tal maneira que Cazes (1999) fala de uma *turistificação dos litorais*, ao enfocar fenômeno relativo a mais de 90% do fluxo turístico internacional dos países do Sul em via de desenvolvimento (incluídas as ilhas), com um volume correspondente a 500 milhões de turistas e ao qual interessante seria acrescentar volume mais importante dos fluxos nacionais.

Logo, não é por acaso que os pesquisadores estudiosos do fluxo turístico internacional (envolvendo suas diversas destinações) vêm se impôr em termos quantitativos àqueles destinados às zonas litorâneas.

Com base em aspectos relativos ao modelo de desenvolvimento socioeconômico e, principalmente, às inovações tecnológicas empreendidas nos países desenvolvidos, indica-se criação de uma demanda por zonas turísticas nos países em via de desenvolvimento. As obras de referência apontam para duas dimensões características do processo de valorização das zonas de praia: a primeira relacionada aos países desenvolvidos e a segunda aos países em via de desenvolvimento.

Ao se partir dessa diferenciação tipológica, a noção de tropismo orienta todas as reflexões, indicando quadro de dependência e de relação entre o progresso do turismo nos países em via de desenvolvimento e o progresso

econômico, social e tecnológico registrado nos países desenvolvidos.

Evidenciando quadro evolutivo notado nos países desenvolvidos, esta perspectiva analítica denota evolução de tal atividade no tempo e no espaço. Inicialmente, remete-se à transformação de uma atividade de caráter elitista e sua generalização crescente com o turismo de massa. Mencionada transformação se produz nos países desenvolvidos após a Segunda Guerra Mundial e suscita mudanças de ordem econômica e social que determinam, de um lado, o aumento do salário das populações e, de outro lado, a criação de políticas sociais propiciadoras do direito de gozar férias remuneradas. Após os anos de 1970, estes estudos sublinham a ampliação desses fluxos ao atingirem dimensões continentais, em resposta principalmente às transformações ocorridas no domínio dos transportes (leia-se aéreo).

Este ponto de partida é indispensável na compreensão do processo de ocupação e valorização das zonas de praia dos trópicos, e denota quadro rico e complexo a considerar. Com efeito, trata-se de procedimento analítico que busca explorar o ponto fraco deste gênero de análise. Embora a abordagem retrodelineada permita a compreensão dos fluxos dirigidos às zonas de praia (sua origem, seu ponto de dispersão, seu direcionamento, sua duração, bem como a natureza desses fluxos ao longo dos anos), ela se limita à simples constatação de um movimento evidente. Para transpô-la, faz-se necessário precisar as razões desta *corrida dirigida para as praias* (URBAIN, 1996), se perguntando sobre o desejo crescente por estes espaços e a transformação do mar em verdadeiro fenômeno de sociedade (PERON; RIEUCAU, 1996).

Nesta perspectiva se inscreve a abordagem cultural, na tentativa de compreender a modificação da relação dos homens com o mar, evidenciando, no presente artigo, as obras que remetem à realidade vivenciada nos trópicos.

Ao se tomar como ponto de partida as representações relacionadas ao mar, buscar-se-á entender as relações que os homens estabelecem com o meio e com o espaço, dado explicador de uma mudança de mentalidade que potencializa os espaços litorâneos nos trópicos. Esta mudança resulta de uma intercomplementaridade entre os aspectos de ordem social, econômica e tecnológica associados a uma dimensão simbólica. Assim, parte-se da premissa de que a produção de formas e a geração de fluxos dirigidos para o litoral são, concomitantemente, causa e efeito da emergência, sobre estas zonas, de novos valores, hábitos e costumes que fazem com que o mar, o território do vazio (CORBIN, 1988) e do medo (DELUMEAU, 1978), se torne atraente para a sociedade contemporânea (PERON & RIEUCAU, 1996).

II - O desejo por mar e sua transformação em fenômeno da sociedade.

Considerando os trópicos, a reversão de imagem associada ao mar e ao marítimo pode ser interpretada, quer seja como um fenômeno de origem externa, no caso dos países conhecedores de um fluxo turístico internacional importante, quer seja como um movimento próximo do ocorrido no Ocidente, no caso dos países menos tocados por estes fluxos (DANTAS, 2000).

II.1-Fenômeno de origem externa

A presente perspectiva de análise leva em conta fluxo de informações que constrói e alimenta novas representações dos trópicos no mundo desenvolvido. As representações favorecem o gerenciamento do litoral e a urbanização da orla marítima das cidades de acordo com uma demanda majoritariamente turística, aquela originária de um turismo balneário nascido do turismo de massa dos países desenvolvidos.

Os trabalhos de Cormier-Salem (1996) e de Desse (1996), apresentando no quadro do colóquio *La Maritimité de Cette Fin du XX^{ème} siècle, Quelle Signification ?* (realizado na Sorbonne pelo

Laboratoire Espace et Culture em 1991) e consagrados respectivamente à maritimidade no Senegal (em Casamance) e nas cidades das colônias e ex-côlonias francesas sublinham aspectos importantes neste domínio.¹

Em análise do que denomina de maritimidade externa, Cormier-Salem (1996) distingue três discursos dominantes na construção das representações dos trópicos pelos ocidentais. O primeiro discurso encontra seu lugar nas narrações de antigos viajantes e de romances como Robson Crusoe e Paul e Virginie, que apresentam o mar e o litoral dos trópicos como símbolos de liberdade e da verdadeira natureza. O segundo discurso, difundido pelas agências turísticas, por meio da construção de uma imagem dos litorais tropicais demandados pelos turistas, evocam frequentemente praias de areias finas bordadas de coqueiros e habitadas por criaturas de sonho. O terceiro discurso, de característica mais científica, apresenta o litoral tropical como zona marginal, virgem, subexplorada, subutilizada (CORMIER-SALEM, 1996).

Desse (1996) faz referência ao segundo discurso, aquele que domina em nossos dias e alimenta imagem midiática apresentada nos salões internacionais de cruzeiros e de turismo. Esta imagem se construiu em cidades da Martinica, de Guadalupe e de Reunião, exprimindo uma maritimidade que suscita a promoção delas com vistas a atrair fluxos turísticos internacionais. Este fluxo seria a condição *sine qua non* para estas cidades não darem as costas para o mar, em lógica antes característica das cidades comerciárias, as quais, apesar de seus entrepostos e portos, se voltarem para o mar, elas e todas as ilhas se voltavam para o continente (zonas de plantação). Segundo Desse (1996), necessário foi aguardar os anos de 1970 para estas cidades poderem redescobrir o mar, colocando em relevo uma maritimidade originária de demanda externa, e que suscitou novo gerenciamento dos litorais, com o estabelecimento de estações turísticas e marinas, bem como intensa urbanização da beira-mar das cidades em análise. Este tipo de ordenamento suscita a

abertura destas cidades para o mar, rejeita a maritimidade tradicional (ligada à pesca, ao comércio e a marinha nacional) e oferece uma decoração paisagística marítima: o mar espetáculo. As ilhas se fizeram, portanto, *um produto turístico em um contexto de concorrência entre as ilhas e seus arredores e entre os municípios insulares*.

Referido tipo de ordenamento do litoral, conforme demanda de uma maritimidade ocidental, corresponde a uma lógica que se instala em detrimento do litoral percebido e, sobretudo, vivido pelas comunidades locais. Tal oposição é marcada tanto por Desse como por Cormier-Salem ao falarem dos excluídos e dos litorais tropicais como lugares de ordenamentos conflituosos. De acordo com o primeiro autor, esta maritimidade dá-se em detrimento das populações marítimas, as grandes ausentes e excluídas, que permanecem indiferentes. *É de fato uma maritimidade ofertada aos turistas* (Desse, 1996). O segundo autor estabelece a distinção entre uma maritimidade externa (alóctone e também etnocêntrica) e uma maritimidade interna (autóctone), que alimentam representações do mar e contribuem para transformar este espaço em lugar de ordenamento conflituoso. Para Cormier-Salem (1996), o ordenamento turístico, realizado pelo governo local, provoca um processo de *expropriação do território tradicional das comunidades locais*.

A perspectiva de análise indicada nesta parte do trabalho reforça a tese de uma adequação ao fluxo de informação originário dos países desenvolvidos. Este fluxo determina a valorização das zonas de praias a partir de uma demanda turística não inscrita no quadro de representações ainda dominantes nos países tropicais. Como demonstrado pelos autores evocados, esta valorização se funda sobre as representações que fazem sonhar os turistas dos países desenvolvidos e que são adaptadas pelos governantes locais como uma estratégia de desenvolvimento econômico. Assim, a cidade se acha transformada para atrair fluxos turísticos.

A contribuição do presente estudo é demonstrar não haver somente a construção

de uma imagem midiática dos países tropicais pelos ocidentais a exercer poder de atração em relação aos consumidores de praia. Observa-se, também, um fenômeno de incorporação dos hábitos, valores e costumes ocidentais por parte dos habitantes dos trópicos. Este aspecto é indicado por Claval (1995), ao analisar a fascinação exercida pela civilização ocidental sobre certas camadas da população local, notadamente a elite.

Este esforço de ocidentalização levou o Brasil a incorporar tentativa de diferenciação social fundada na virtude da civilização européia. Tal civilização é cantada e ovacionada pela elite local (na qual a intelectualidade teve papel essencial), que se crê capaz de transmitir seus valores aos outros. Indica-se, portanto, sentimento de superioridade da citada elite (composta de europeus, mas com uma participação muito forte de mestiços) e de certas camadas em relação a outros grupos autóctones, notadamente os indígenas, sempre tratados como selvagens ou primitivos.

Nestes termos, ressalte-se, quando os cronistas brasileiros empregam o termo civilizar estão fazendo referência a fenômeno de ocidentalização empreendido pela elite, esforço realizado tanto pela fascinação exercida pela civilização européia como por uma tentativa de diferenciação social, fundada na valorização dos estrangeiros (os contatos com os europeus). A especificidade da América Latina é a de que, além da elite se fazer porta-voz dos europeus, estes ainda propiciam possibilidade de melhoramento genético: missigenação. Os mestiços passam a adotar, em grande parte, a cultura ocidental e facilitam, também, os contatos com outros grupos étnicos.

Estes traços de ocidentalização relativos ao mar e ao marítimo aparecem mais claramente nos países pouco tocados pelo turismo internacional (DANTAS, 2000), os quais podem produzir modelo de maritimidade próximo do advindo dos países desenvolvidos. A oposição entre maritimidade externa-moderna e maritimidade interna-tradicional deve então ser relativizada. Na realidade, encontram-se grupos locais que produzem os mesmos territórios e

alimentam os mesmos desejos existentes no Ocidente. Assiste-se a uma mudança de mentalidade de grupos locais em relação ao mar. É neste quadro que se pode inscrever o desejo pelo mar no Brasil, próximo daquele da invenção da praia no Ocidente.

II.2- Movimento próximo do ocorrido no Ocidente

Grosso modo, falar de um movimento próximo equivale a uma transposição pura e simples dos esquemas conceituais ocidentais para outra realidade, a dos países em via de desenvolvimento, ou seja, fundar-se em sistema de representações que tornam as praias atraentes para os europeus.

Neste domínio, a obra de Corbin (1988) – *Le territoire du vide: L'Occident et le désir ou rivage (1750-1840)* – constitui a referência maior. Para o citado historiador:

a) O desejo pelos espaços litorâneos surge entre 1750-1840, com a invenção das praias. Anteriormente, as praias eram portadoras de imagens repulsivas que impediam a consideração do charme desses espaços e do mar;

b) Uma mudança de olhar foi necessária para poder a sociedade europeia se beneficiar da atmosfera litorânea. Esta mudança se efetiva progressivamente por meio da indicação de um quadro científico e, principalmente, simbólico contrário àquele que apresentava imagens repulsivas do mar. A reversão dessa imagem repulsiva se opera entre 1660 e 1675 graças aos progressos científicos alcançados principalmente no domínio da oceanografia e a emergência de três fenômenos que modificam o sistema de apreciação: a teologia natural, a exaltação das costas holandesas e a moda de viajar na baía de Nápoles;

c) Os românticos, os médicos (os higienistas) e a nobreza contribuíram no desenvolvimento de novas práticas marítimas. O primeiro grupo mediante criação de um discurso coerente sobre o mar. O segundo, por meio de um discurso médico que provoca a corrida às estações balneárias e dos adeptos da natação às praias. O terceiro, como indicador de um efeito de moda

na sociedade. Apesar dos românticos não serem os responsáveis pela descoberta do mar, foram eles, de acordo com Corbin (1988), responsáveis por um discurso que enriqueceu poderosamente os modos de deleite da praia e acentuou o desejo inspirado por esta indecisa fronteira. No referente às práticas marítimas ligadas ao tratamento terapêutico, tem-se o banho de mar, os passeios de barco e as estadas nas ilhas. As prescrições de banho de mar como tratamento terapêutico provocam a corrida massiva de doentes às estações balneárias. Estes doentes, acometidos pela melancolia e depressão, tentam acalmar suas angústias. Este quadro se inscreve num discurso médico, que assume e codifica as práticas marítimas e prescreve o banho de mar. O tratamento permite beneficiar os doentes das qualidades curativas da água fria do mar e da ambiência marítima. A prescrição dos passeios de barco e das estadas nas ilhas, como tratamento das doenças pulmonares, privilegia a virtude terapêutica do ar em relação à água. Isto resulta, segundo Corbin (1988), do sucesso da teoria de Lavoisier que, insistindo (a partir de 1783) sobre a importância do bem respirar, reforçou o papel da praia nos tratamentos terapêuticos. A natação corresponde a outro domínio não menos regulamentado que os anteriores. É à ocasião do surgimento da ginástica que os teóricos conceberam a arte da natação. Este prazer consiste em um esforço, combate à gula, sobrecarga de energia, que corresponde a um desejo de desafiar o mar. Significa um modelo masculino de banho de mar que se harmoniza com a ginástica. Para os homens a natação representa também uma prova de coragem e exaltação, pois as mulheres ficavam próximas aos seus automóveis, às vezes ao lado de seus banhistas. Todas as práticas mencionadas eram desenvolvidas pela aristocracia, que possuía papel remarcável na sua difusão e promoção, provocando um efeito de moda determinante do sucesso das estações balneárias.

Ao insistir sobre a valorização das zonas de praia em Fortaleza-Brasil, Linhares (1992) procura situar seus estudos conforme supra-citado quadro de transformações. Inicialmente

apresenta uma seqüência evolutiva lógica, originada na Europa e que chega posteriormente à América de Sul. Ele descreve, portanto, um movimento produzido na França (Deauville, Biarritz, Trouville), na Bélgica, e depois na América do Sul, no Chile (Viña del Mar), no Uruguai (Ponta del Leste) e, por fim, no Brasil, no Rio de Janeiro (Leme, Copacabana, Ipanema). Posteriormente insere este processo de valorização no mesmo sistema valorativo, mostrando o papel encenado pelos românticos brasileiros, e pela nobreza, que difundiam as práticas marítimas modernas no novo continente. No relativo aos românticos, o autor menciona influência dos franceses sobre os escritores românticos brasileiros. É nesta perspectiva que Linhares (1992) situa o romance *Iracema*. Tenta, então, mostrar a influência de Chateaubriand na obra de José de Alencar, afirmando que *a exemplo de seu mestre francês, José de Alencar idealizou seus heróis místicos numa floresta de frente para o mar*. No respeitante à aristocracia como geradora de um efeito de moda, o sociólogo apresenta seu homólogo brasileiro, aquele que introduziu o banho de mar como tratamento terapêutico no Brasil, o Imperador D. Pedro II.

O trabalho de Linhares (1992) é interessante por evidenciar, mediante apresentação dos equivalentes brasileiros, uma civilização cujo Ocidente é o espelho. Se for verdadeiro afirmar que as práticas marítimas modernas são originárias do Ocidente, a análise empreendida não poderia ser feita sem relativizar o apresentado conforme realidade vivida em Fortaleza. Na sua ânsia de desenvolver seu estudo acabou fazendo tábua rasa do espaço. Esta falha de sua análise impossibilita externalização de uma maritimidade complexa e diversificada, característica tanto do Ocidente como dos países tropicais.

Na elaboração do quadro de valorização das zonas de praia segundo o modelo ocidental, Linhares (1992) esquece as observações formuladas por Corbin (1988). Este último indica um quadro complexo das práticas e da afinidade dos europeus com essas zonas: os banhistas mediterrâneos são exemplo do exposto,

praticam um tipo exclusivo de banho masculino (principalmente os jovens) que fugia das normas dos banhos terapêuticos e da natação. Prevelakis (1996) também menciona o exemplo dos gregos, considerados rara exceção entre os europeus por apreciarem plenamente o charme do mar e da praia. O mar exerce forte influência na cultura desse povo, ao contrário de outros europeus que temiam o mar. A propósito das comunidades litorâneas tropicais, como afirma Cormier-Salem (1996), há o estabelecimento de relações complexas e variadas com o mar. Esta complexidade é tamanha que ela se interroga sobre *o sentido do conceito de maritimidade no domínio tropical*.

Linhares (1992) é amplamente influenciado pelo modelo ocidental de valorização das zonas de praia. Por se achar a imagem estereotipada desta zona profundamente reforçada, pode-se associá-la à expressão crítica empregada por Cormier-Salem (1996), a de que ao molde do Ocidente passasse a idéia de que o vivenciado na Martinica, e por extensão no Brasil, seria, remetendo à obra de Corbin, um *território do vazio tropicalizado*.

Lamentavelmente, no estudo de Linhares (1992) não há indicação da complexidade e da variedade anteriormente mencionada, por se adotar metodologia baseada na idéia da ocorrência de simples transferência dos modelos ocidentais nos trópicos. Todavia, ainda convém ressaltar, a valorização das zonas de praia em Fortaleza não resulta de uma simples transferência de informação de um grupo que detém o saber a um outro que não o detém.

A transferência de informação é antes de mais nada de ordem simbólica. Ao partir da noção de transferência, Linhares (1992) não percebe que os novos costumes não são adotados passivamente e não se dão da mesma maneira em todas as comunidades litorâneas. De forma breve, três aspectos de valorização da zona de praia em Fortaleza podem ser enunciados:

a) Trata-se de um processo em construção, resultante da interiorização ou da recusa dos sinais emitidos do Ocidente;²

b) Representa um fator de diferenciação social;³

c) Engloba, com o advento das inovações tecnológicas no domínio da comunicação (notadamente a televisão), progressivamente outros grupos e indivíduos.⁴

Uma análise diacrônica, relativa à história do espaço, permite indicar as especificidades do processo de valorização das zonas de praia em Fortaleza. Aproveitando-se, na época colonial, de transformações no domínio social, econômico, tecnológico e simbólico, a elite local pôde a esta época se voltar à Europa e estabelecer/fortalecer vínculos com este continente, principalmente a França.

De acordo com Girão (1954), é da França que vinham os produtos cujas classes mais abastadas tinham necessidade, para a saúde, o cérebro e o vestuário. Para o citado historiador a influência era tão marcante que os comerciantes locais atribuíam nomes parisienses a seus comércios e neles vendiam mercadorias francesas na moda: *tecidos, calçados, chapéus, conservas, bebidas, vinhos, licores, produtos farmacêuticos, livros...*

Nesse período, a fascinação pela França era tamanha que a elite começou a enviar seus filhos para lá estudar. Tal prática reforça a influência da cultura francesa sobre a literatura e a língua, a ponto de a atual Academia de Letras do Ceará (a mais antiga do gênero no Brasil e criada antes da Academia Brasileira de Letras) ser denominada, no momento de sua criação em 1872, para difundir os novos conceitos ligados à necessidade de progresso (notadamente discussões filosóficas em torno das idéias de Auguste Comte, ou seja, do positivismo), de Academia Francesa.

A zona portuária reforça tal influência, e representa metaforicamente uma janela aberta para a Europa; ajustada a uma zona exportadora de mercadorias provocava grande movimento de mercadorias e de pessoas na praia Formosa. Tais fluxos desenvolvem-se em virtude da presença de diversos estabelecimentos na beira-mar, notadamente a Alfândega e os entrepostos comerciais. A beira-

mar é ordenada como espaço de troca de mercadorias, dificultando a apropriação deste espaço pelas classes abastadas. Tal dado produz e justifica contatos efêmeros estabelecidos pelas classes abastadas com as zonas de praia. Num primeiro momento, eles só se deslocavam para estas zonas com o intuito de partir para a Europa ou para outros pontos do território brasileiro. Este espaço era até mesmo desaconselhado às *peças de bem* fora desses momentos, principalmente nas horas de transporte de mercadorias quando se produzia intenso fluxo de trabalhadores vestindo diminutas tangas, como indica Paiva (1971) em romance escrito em 1889. Num segundo momento, para dedicar-se às práticas terapêuticas, de recreação e de lazer. Resultava diretamente de comunicação tornada possível através do porto. O vínculo estabelecido com a Europa conduzia à adoção de certos costumes ocidentais pelas classes mais abastadas de Fortaleza. Com efeito, por trás da simples importação de mercadorias se encontra também a incorporação de um modelo de sociedade.

Todavia, contrariamente ao que pensam alguns cientistas, a adoção das novas práticas marítimas não representa simples transferência dos costumes ocidentais para os trópicos, pois ela acaba suscitando um quadro diferente daquele que lhe serviu de matriz. Esta diferenciação resulta diretamente da possibilidade de os indivíduos poderem recusar ou criar dificuldades na incorporação de certas inovações. Aproxima-se, portanto, da pista metodológica desenvolvida por Claval (1995), que concebe as culturas como realidades dinâmicas, em constante mutação conforme influência do meio no qual se insere.

Esta hipótese pode ser confirmada pela análise das práticas marítimas modernas próximas daquelas encontradas no ocidente: as práticas próximas das práticas terapêuticas ocidentais; as práticas próximas das práticas ocidentais de recreação e de lazer; os banhos de mar, as caminhadas, o veraneio e o turismo litorâneo em Fortaleza.

II.2.1- As práticas próximas das práticas terapêuticas ocidentais.

Entre as práticas próximas das práticas terapêuticas ocidentais, convém remeter aos banhos de mar e àquelas associadas ao tratamento da tuberculose.

O primeiro tipo de prática terapêutica, os banhos de mar, provoca em Fortaleza a especialização de algumas casas de campo (as religiosas) na acolhida de quantos queiram se cuidar graças às qualidades terapêuticas da água do mar. Esta valorização das zonas de praia se refere principalmente à praia do Meireles. Por oposição aos estabelecimentos similares do Ocidente, estas residências não se desenvolviam conforme uma prática normatizada pelo discurso médico. Tratava-se de prática não estandardizada. As casas das religiosas abrigavam simplesmente os doentes em busca de cura, dando-lhes grande liberdade na hora dos banhos, os quais podiam ser acompanhados, no máximo, por uma dama de companhia (PAIVA, 1971). Os banhos de mar como tratamento terapêutico eram costumeiramente praticados pelas classes abastadas de Fortaleza. Os únicos a escapar dessa lógica eram as crianças que freqüentavam estes espaços para nadar ou pescar (FERNANDES, 1977).

Apesar de sua importância na época, esta prática marítima moderna não adquiria as dimensões dos banhos de mar no Ocidente, provavelmente em virtude da fraca eficácia que o discurso médico local lhe atribuía. A importância aos banhos de mar variava de acordo com o discurso sobre as qualidades curativas atribuídas ao clima, notadamente no tratamento de doenças respiratórias.

Evidencia-se, portanto, a segunda prática terapêutica, aquela associada ao tratamento da tuberculose. É pela qualidade do clima que os cientistas locais vão se interessar, construindo assim um quadro conceitual que fazia referência à salubridade do Ceará e sua influência no tratamento de doenças pulmonares. Entretanto, este quadro conceitual não se reduz apenas aos espaços litorâneos. Ao se fundar sobre as mesmas reflexões teóricas (as teorias de

Lavoisier, segundo a qual o respirar bem é essencial) que ocasionaram a valorização das praias no tratamento da tuberculose no Ocidente, este quadro conceitual se aplicou a um meio mais vasto. As praias perdem seu papel principal e as práticas terapêuticas desenvolvidas em Fortaleza decorrem mais de sua localização geográfica (uma cidade litorânea).

Consoante um dos primeiros cientistas a tratar desse assunto no Ceará, Brasil (1890), a insolação e os ventos são elementos essenciais para a salubridade do clima, e impedem a proliferação de epidemias no Estado, notadamente aquelas que afetam as vias respiratórias. O Ceará é conhecido, em escala nacional, por suas condições de salubridade. Isto atrai um fluxo expressivo de doentes a vir se curar nestas paragens. Os tuberculosos se instalam nas cidades de Quixadá, Quixaramobim e Icó (no sertão), enquanto as vítimas de doenças inflamatórias dos nervos (como o beribéri) se estabelecem nas regiões montanhosas, principalmente Baturité. Este fluxo para o interior conduz Barbosa, em 1889, a caracterizar o Estado como conveniente aos indivíduos acometidos por doenças pulmonares. Tomada por este efeito de moda, Fortaleza não escapa à regra. Agassiz (1938) a descreve, entre 1865 e 1866, como uma cidade salubre. Segundo Studart (1909), Fortaleza desfruta dessa reputação porque se beneficia de uma temperatura média anual de 26,7°C (a temperatura máxima de 30,4°C e a mínima de 23,1°C), de uma pressão média barométrica de 762,4 mm Hg, de um índice pluviométrico de 998mm anuais e de um índice de umidade de 72,6%. É uma localidade favorável para a cura dos tubérculos. A estes índices ainda se somam os efeitos das brisas constantes cujos efeitos refrescantes constituem a especificidade de Fortaleza no tratamento da tuberculose em relação a outras cidades do litoral – como Belém, Natal e Recife, cujas temperaturas médias são respectivamente de 26,21°C, 26,5°C e 26,3°C.

A análise de documento sobre as causas das mortes em Fortaleza, no final do século XIX

e início do século XX, permite precisar o papel desempenhado por esta cidade no tratamento das doenças pulmonares. No final do século XIX, Brasil (1896) dá uma idéia da importância desta conveniência médica, notadamente no seu estudo sobre a mortalidade na Fortaleza de 1894. Em introdução relativa ao aumento das taxas médias de mortalidade das pessoas, constata que o número de mortos originários de outros estados aumenta concomitantemente. As suas mortes eram frequentemente atribuídas às doenças pulmonares, que representavam, em virtude da transmissão desta doença aos autóctones, um real perigo à saúde pública. Para se ter uma idéia do impacto dessas doenças, a causa da quinta parte dos 1.462 mortos enterrados no cemitério São João Batista, em 1894, eram as infecções dos órgãos respiratórios, ou seja, uma proporção na ordem de 17,8 por 100.

No início do século XX, Studart (1909), em estudo sobre epidemias e endemias do Ceará, fornece dados precisos a respeito da tuberculose. Segundo dados levantados por ele, o número de mortos vitimados por esta doença era de 186 em 1906, de 226 em 1907 e de 193 em 1908. Estes dados absolutos adquirem maior relevância se comparados à taxa de mortalidade de outras cidades. Conforme Studart, Fortaleza possuía uma taxa de mortalidade de 15,43% em 1903 e de 18,51% em 1907, valores bem superiores àqueles registrados em São Paulo, respectivamente, de 6,5% e 7,3%.

De acordo com Studart (1909), elevado percentual se deve:

a) Ao grande número de indivíduos procedentes de outros estados e que, ao sucumbirem aqui, representam maior contribuição à cifra da mortalidade;

b) Ao aumento da densidade demográfica;

c) Às doenças crônicas, enfraquecimentos e a todos os tipos de vícios e fraquezas orgânicas e à miséria fisiológica causada pelas secas;

d) À sífilis e ao álcool, dois vícios que corroem a cidade;

e) À crença, infelizmente difundida, do não contágio.

Ao mencionar estes aspectos acima (notadamente A e E) como fatores determinantes do aumento do número de mortes provocadas por doenças respiratórias (a exemplo do indicado por Brasil em 1896), caracteriza Fortaleza (em razão de suas qualidades climáticas) como local propício para a recepção de tuberculosos.

11.2.2- As práticas próximas das práticas ocidentais de recreação e de lazer

No referente às práticas próximas daquelas de recreação e de lazer encontradas no Ocidente, sobressaem as serenatas realizadas em Fortaleza, durante as noites de lua cheia e sobre as dunas em torno da cidade.

A exemplo das caminhadas na praia realizadas pelas classes abastadas em lugares como o *Promenade des Anglais* no Mediterrâneo, verifica-se tentativa das classes abastadas de Fortaleza de tornar as zonas de praia um espaço de recreação e de lazer.

Distrações da mesma ordem significa o fato de em Fortaleza também se tirar proveito da paisagem característica das praias, mas para um tipo diferente de uso. Tal paisagem dispunha de uma particularidade, a impossibilidade de aproveitar as praias durante o dia. Neste período, a temperatura impossibilita a exposição ao Sol e, conseqüentemente, o desenvolvimento de toda e qualquer atividade de lazer e de outras atividades sociais. Fernandes (1977) relaciona este aspecto afirmando que a capital conhecia à noite:

... uma intensa vida social e noturna; se é toda a noite o espaço que vai do pôr do sol às 21 horas ... À noite é que se realizam os casamentos e os enterros, em lentas marchas a pé; sob a proteção noturna efetuam-se, também, as silenciosas e lúgubres procissões de penitência.

Na mesma racionalidade, era à noite que as serenatas ocorriam, notadamente em noites de lua cheia, logo após a iluminação pública a gás ser desligada. As pessoas bem nascidas se dirigiam até às praias para ficar sobre as dunas

brancas iluminadas pela lua. Aproveitando a lua cheia, mas também as baixas temperaturas,

... moças vão passear na praia, enquadradas por ásperos e beligerantes esquadrões de matronas, que mantêm à distância os encabulados badamecos de colher; cantam-se, ao violão, as doloridas cantigas imperiais; banhadas de lua, as areias brancas cintilam, as árvores recortam-se em sombras nidas no chão tão claro e no céu tão alto; há cirandas alegres de crianças. Os homens, sempre graves, falam da política e da vida alheia, com um gasto excessivo de palavrões, numa obsessiva constante sexual que acaso se vinculará à separação em que são mantidos das mulheres (FERNANDES, 1977).

Se tais práticas têm um papel importante e representam um tipo de maritimidade característica de Fortaleza, não provocam, entretanto, nesta época, processo significativo de urbanização das zonas de praia. O tratamento de tuberculose não dizia respeito diretamente a estas zonas e a natureza efêmera e desordenada das novas práticas marítimas não justificava uma ocupação capaz de pôr em xeque a lógica militar, cuja estratégia de ocupação da beira-mar suscita criação dos terrenos de marinha (ABREU, 1997).

O plano de Adolfo Herbster é revelador dessa lógica. Por meio de um conjunto de *boulevards*, ele orienta o crescimento de Fortaleza para a zona Oeste (atual Avenida do Imperador), a zona Leste (atual Avenida D. Manuel) e a zona Sul (atual Avenida Duque de Caxias). A zona Norte, representada pelas zonas de praia, não o interessa. Seu plano se limita a orientar a ocupação da zona do Porto, porque, nesta época, o porto constituía a principal ligação da cidade com o mar, o que ocasionou a ocupação da beira-mar reduzida à zona do Porto e à sua vizinhança imediata, especificamente no quarteirão da Prainha, onde se encontravam algumas casas, um seminário e a Igreja de N. Sra. da Conceição da Prainha (PEREIRA, 1877).

Esta orientação, canalizada pelas vias antigas de comunicação com o interior, concentra todos os contatos da cidade com o mar na zona portuária. Assim, a fraca atração exercida pelas zonas de praia sobre as classes abastadas, em virtude do caráter interiorano desse segmento da sociedade, representa o segundo elemento limitante do fenômeno de urbanização da beira-mar.

A construção de uma cidade pouco ligada às suas zonas de praia e principalmente destinada às classes abastadas reforça o caráter do litoral como lugar de moradia das classes pobres. A impossibilidade de morar na cidade construída por e para as classes ricas de Fortaleza conduz a ocupação dessas zonas por um contingente de migrantes pobres do sertão (em razão das más condições de vida, externadas pelo latifúndio e reforçadas pelas secas).

Nestes termos, tem-se nos terrenos de marinha, anteriormente ocupados por vilarejos de pescadores, um incremento demográfico, elevado a um estado de saturação cujo testemunho, desde final do século XIX, é a construção de favelas na beira-mar. O primeiro tipo de ocupação, ligado à pesca, se encontra na totalidade do litoral do Ceará. O segundo tipo, as favelas, é um fenômeno particular e característico de Fortaleza, cidade cujo forte fluxo migratório ocasionou impossível integração desses novos oriundos do sertão nos antigos vilarejos de pescadores. Portanto, pode-se afirmar que as zonas de praia em Fortaleza constituem-se em *locus* de pesca e de habitação das classes pobres. Tal dado se traduz na presença e crescimento de antigos vilarejos de pescadores, notadamente o do Mucuripe (1902), e na ocupação da beira-mar pelos pobres, como ocorrido em zonas de construções precárias nas dunas d'Outeiros (sobre a margem direita do Rio Pajeú) e da Favela Arraial Moura Brasil (ao lado do Porto das Dragas) no final do século XIX (PAIVA, 1971).

11.2.3 Os banhos de mar, as caminhadas, o veraneio e o turismo litorâneo em Fortaleza

O desenvolvimento das primeiras práticas marítimas no Ceará, os banhos de mar, as caminhadas e o veraneio, respondiam à demanda de uma sociedade de lazer que se construiu e cresceu em Fortaleza.

A citada demanda se justifica na construção da *capital do sertão*, cidade situada no litoral e voltada para o interior, caracterizando o que se convencionou chamar de *cidade litorânea-interiorana* (DANTAS, 2000) cujos vínculos mais marcantes se dão com o sertão, zona de origem das elites locais e de onde provinham os produtos exportados pelo porto, notadamente o algodão. Tal imagem, nascida da simbiose entre o sertão e o litoral, sustenta e alimenta uma abertura cultural da sociedade local em face das zonas de praia e sem perder suas características interioranas (DANTAS, 2002b). Consiste em mudança de mentalidade que torna as zonas de praia atraentes para uma elite interiorana (originária e atrelada ao sertão) marcada pela influência dos costumes ocidentais. Observa-se, assim, o papel motriz das mudanças do modo de vida que propiciou a instalação das classes abastadas na beira-mar, em rendição aos atrativos do veraneio e dos banhos de mar.

Tal instalação inicia-se em Fortaleza e se expande, posteriormente, para os demais municípios do Ceará. É nesta cidade, a partir de 1920-1930, que a elite descobre as novas práticas marítimas. À medida que estas práticas se expandem provocam mudanças importantes na paisagem litorânea, notadamente com a construção de residências secundárias, substitutas dos antigos vilarejos de pescadores existentes na zona leste e, mais especificamente, os vilarejos existentes na praia de Iracema, nos anos de 1920-1930, e na praia do Meireles, nos anos de 1940.

Inaugura-se, neste período, nova lógica de ocupação do espaço que associa a demanda de uma sociedade de lazer em emergência a uma demanda por zona de trabalho (da parte

dos pescadores) e de habitação (da parte dos retirantes). Assiste-se à inauguração de um quadro característico de Fortaleza, cidade onde os conflitos entre espaço de consumo e espaço da produção evidenciam-se, e ocasionam o distanciamento das classes pobres e dos pescadores, à proporção que as classes abastadas se apoderam da zona leste da cidade.

No primeiro caso, o espaço da produção, a natureza transformada representa um dom, uma resposta a certas necessidades dos indivíduos (LEFEBVRE, 1986). Esta lógica provocou a transformação dos espaços litorâneos em lugar de trabalho, lugar de festa e lugar de moradia de pescadores e dos migrantes provenientes do sertão. No segundo caso, o espaço de consumo, assiste-se à transformação da natureza em mercadoria (LEFEBVRE, 1986) oferecida aos amantes de praia.

Mencionado processo de valorização das zonas de praia amplia-se a partir dos anos de 1970, quando, graças ao veraneio, atingem-se as zonas de praia de outros municípios do Ceará, sujeitando os espaços inseridos em antiga lógica de defesa do território às demandas de uma sociedade de lazer em expansão. A exemplo do ocorrido em Fortaleza, este tipo de valorização resulta na construção de um quadro conflitual que desencoraja a apropriação das zonas de praia pelas classes pobres e pescadores.

Em razão da demanda turística por zonas de praia, procura-se estabelecer no Ceará, a partir dos anos de 1980, uma política de desenvolvimento fundada no turismo. O Ceará se inscreve nesta nova lógica ao adotar política voluntarista de desenvolvimento do turismo à escala de Fortaleza e do Estado.

A vontade de inserir o Ceará na rede turística internacional suscita transformações importantes na paisagem litorânea. A construção de um sistema de vias e de serviços reforça o papel de Fortaleza como ponto de recepção e de distribuição dos fluxos turísticos balneários. Esta cidade constitui-se em cidade

litorânea que começa a controlar diretamente as zonas de praia dos municípios litorâneos do Ceará. Ela se transforma em cidade marítima tirando proveito da exploração dos espaços litorâneos por uma indústria turística em forte expansão. Com efeito, ela se volta para a zona costeira, alongando seus tentáculos através da construção de um aeroporto internacional e de rotas integrando as zonas de praia à sua zona de influencia direta. Nestes termos, todos os esforços do Estado, em parceria com a iniciativa privada, se voltam para a beira-mar, denotando uma racionalidade de ocupação paralela à zona costeira e em detrimento de racionalidade anterior: perpendicular à zona costeira.

Esta nova racionalidade associa-se a políticas de marketing, relacionadas diretamente à necessidade de elaboração de um quadro simbólico que suscita a valorização da zona de praia de acordo com imagens veiculadas de Fortaleza. Pode-se falar de imagens específicas que representam relações dos grupos humanos com os espaços litorâneos semi-áridos. Grosso modo, representaria a construção da cidade do Sol, imagem mais atual e resultante do reforço de Fortaleza como destino turístico, adaptando-a à nova lógica de valorização dos espaços litorâneos dos países em via de desenvolvimento (Dantas, 2002a).

Se a lógica de valorização precedente (banhos de mar, veraneio) se associa a uma investida de caráter local (grupos locais que ao se ocidentalizarem descobrem as zonas de praia como espaço de lazer, recreação e veraneio), a lógica do turismo balneário encontra distante suas raízes.

De início, está relacionada a uma demanda crescente por zonas de praia que transformam gradativamente as cidades litorâneas dos países tropicais em espaço privilegiado para o desenvolvimento da atividade turística. Na tentativa de explorar as zonas de praia como mercadorias turísticas, este conjunto de países se funda em aspectos de ordem socioeconômica (o desenvolvimento do turismo de massa nos países desenvolvidos), tecnológica (no domínio do transporte e da comunicação, em grande parte

responsáveis por uma redefinição espaço-tempo) e político-administrativa (no quadro dos países em via de desenvolvimento que dão ao turismo uma dimensão continental).

É por esta razão que, como indicado anteriormente, os teóricos falam frequentemente de tropismo quando se referem ao fluxo turístico internacional materializado nos países em via de desenvolvimento. Todavia, se esta noção é válida para um bom número de países tropicais, ela não o é para outros países onde as reformas político-administrativas no domínio turístico não são tão marcantes. Ademais, estes teóricos negligenciam a demanda suscitada pelo turismo interno, nacional ou intra-regional, que alimenta igualmente os fluxos turísticos nestes países (CAZES, 1989; MIOSSEC, 1977).

Considerações Finais

O apresentado até então nos conduz a uma reflexão sobre a importância adquirida pelo mar e o marítimo na atualidade, notadamente nos países tropicais e em via de desenvolvimento. Em vistas dos aspectos comentados até o momento, pode-se falar do modelo brasileiro, aquele de um país em via de desenvolvimento cujo:

a) Fluxo turístico nacional é também responsável pela valorização das zonas de praia. Esta caracterização coloca em xeque os modelos explicativos fundados em análise evidenciadora de uma dependência dos fluxos turísticos em relação a transformações de caráter socioeconômico e tecnológico ocorridas no Ocidente.

b) Fraco fluxo turístico internacional evidencia demanda das classes abastadas locais por zonas de praia e onde o desejo pelo mar constitui um movimento próximo ao ocorrido no Ocidente e suscitador das novas práticas marítimas (os tratamentos terapêuticos, os banhos de mar, as serenatas, as caminhadas, o veraneio e o turismo litorâneo).

Portanto, a consideração da maritimidade em Fortaleza/Ceará/Brasil revela quadro complexo dos países tropicais cujos grupos

locais, que estabelecem relações com o mar, são fortemente influenciados pelo modelo ocidental.

À medida que se toma consciência de que os habitantes das destinações turísticas internacionais também são tocados pelo desejo do mar, a constatação evidenciada anteriormente permite a relativização das considerações fundadas na noção de tropismo.

Denota-se quadro rico e complexo a considerar, ligado à forma como os grupos locais incorporam as novas práticas marítimas nos trópicos. Em resumo, não se pode reduzir a análise a uma simples oposição entre maritimidade interna-tradicional e maritimidade externa-moderna. A maritimidade diz respeito a um fenômeno de sociedade cujas fronteiras não são tão precisas.

Notas

¹ Conforme Claval (1996), *a maritimidade significa uma maneira cômoda de designar o conjunto de relações que determinada população estabelece com o mar – aquelas inscritas no plano das preferências, das imagens e das representações coletivas em particular.*

² Tal dado reforça a tese segundo a qual *os modelos oferecidos à cultura não são ... imutáveis* (CLAVAL, 1995).

³ Segundo Claval (1995), *a aventura pela qual cada um se imbuí da cultura do grupo ou vive é fundamentalmente individual [...] a cultura é um desses fatores essenciais da diferenciação das situações sociais e do status que é reconhecido em cada um.*

⁴ Conforme Claval (1995), estes potentes meios de teledifusão ... têm impacto importante na aculturação dos jovens e do conjunto das populações

Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. "A apropriação do território no Brasil colonial". In: CASTRO, Iná Elias de et al (organizadores). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

AGASSIZ, Elizabeth et al. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. São Paulo: Brasiliense, 1938.

BARBOSA, Antônio Cunha. "Recordações de uma viagem feita ao estado do Ceará". *Revista da Academia Cearense de Letras*, t.4, Fortaleza, 1889.

BRASIL, Thomaz P. de Souza. "Importância da vida humana como factor da riqueza: desenvolvimento da população de Fortaleza. Sua natividade e mortalidade. Taxa excessiva desta". *Revista da Academia Cearense de Letras*, t. 1, Fortaleza, 1896.

BRASIL, Thomaz P. de Souza. "População do Ceará". *Revista do Instituto do Ceará*, t. 4, Fortaleza, 1890.

CAZES, Georges. "Les littoraux en proie au tourisme". *Hérodote*, n. 93, Paris, 1999.

_____. *Les nouvelles colonies de vacances?*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1989.

CLAVAL, Paul. " Conclusion", In: PERON, Françoise et RIEUCAU, Jean (organizadores). *La maritimé aujourd'hui*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1996.

CLAVAL, Paul. *La géographie culturelle*. Paris: Nathan, 1995.

CORBIN, Alain. *Le territoire du vide: l'Occident et le désir du rivage (1750-1840)*. Paris : Aubier, 1988.

CORMIER-SALEM, Marie-Christine. "Maritimé et littoralité tropicales: la Casamance (Sénégal)". In: PERON, Françoise et RIEUCAU, Jean (organizadores). *La maritimé aujourd'hui*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1996.

DANTAS, Eustógio W. Correia. *Fortaleza et le Ceará. Essai de géopolitique d'un pays de colonisation tardive: de la découverte à la mutation touristique contemporaine*. Paris: Tese de Doutorado, Paris IV-Sorbonne, 2000.

_____. *Construção da imagem turística de Fortaleza*. MERCATOR, ano 1, n.1, 2002a.

_____. *Mar à vista*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002b.

DELUMEAU, Jean. *La peur en Occident, XVI^{ème} - XVIII^{ème} siècles*. Paris: Fayard, 1978.

DESSE, Michel. "L'inégale maritimité des villes des départements d'outre-mer insulaires". In: PERON, Françoise et RIEUCAU, Jean (organizadores). *La maritimité aujourd'hui*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1996.

FERNANDES, Yaco. *Notícias do povo cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1977.

GIRÃO, Raimundo. "Interpretação de Fortaleza". In: MIRANDA, Ubatuba de et al. *Retrato de Fortaleza*. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1954.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1986.

LINHARES, Paulo. *Cidade de água e sal*. Fortaleza: Fund. Demócrito Rocha, 1992.

MIOSSEC, Jean-Marie. *Un Modèle de l'espace touristique*. L'Espace géographique, n° 1. Paris: 1977.

PAIVA, Manoel de Oliveira. *A Afilhada*. Fortaleza: Ed. Anhambi, 1971.

PEREIRA, Felipe Francisco. *Roteiro da costa norte do Brasil desde Maceió até Pará*. Pernambuco: Tipographia do Journal do Recife, 1877.

PERON, Françoise; RIEUCAU, Jean. *La maritimité aujourd'hui*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1996.

PREVELAKIS, Maria. "La double signification de la maritimité dans la culture hellénique". In: PERON, Françoise et RIEUCAU, Jean (organizadores). *La maritimité aujourd'hui*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1996.

STUDART, Barão de. "Climatologia, epidemias e endemias do Ceará". *Revista da Academia Cearense de Letras*, t. XIV, Fortaleza, 1909.

URBAIN, Jean-Didier. *Sur la plage*. Paris: Éditions Payot, 1996.

Trabalho enviado em dezembro de 2003.

Trabalho aceito em abril de 2004.

